



III Prêmio
Diário
contem
de Fotografia
porâneo

Memórias da Imagem

Premiados e selecionados

DE 28 DE MARÇO
A 27 DE MAIO

ESPAÇO CULTURAL
CASA DAS
ONZE JANELAS

Para ter de onde se ir

*Miguel Chikaoka
artista convidado*

DE 29 DE MARÇO
A 27 DE MAIO

MUSEU DA
UNIVERSIDADE
FEDERAL DO PARÁ
MUFPA

ATIVIDADES
EDUCATIVAS

OFICINAS
PALESTRAS

ENCONTROS
COM ARTISTAS

ENTRADA
FRANCA

Belém 2012

Ficha Técnica

Jader Barbalho Filho
DIRETOR PRESIDENTE
DO DIÁRIO DO PARÁ

Camilo Centeno
DIRETOR GERAL DA RBA

Francisco Melo
DIRETOR FINANCEIRO

RBA - Marketing
Daniella Barion
GERENTE DE MARKETING
Cleide Monteiro
COORDENADORA DE MARKETING
Priscila Oliveira
ANALISTA DE EVENTOS

Projeto Prêmio Diário Contemporâneo De Fotografia

Mariano Klautau Filho
SUPERVISÃO E CURADORIA GERAL

Lana Machado
COORDENADORA DE PRODUÇÃO

Irene Almeida · Luis Laguna
PRODUÇÃO

Andrea Kellermann
DESIGNER GRÁFICO

Ana Clara Nassar Matos
ASSESSORIA DE IMPRENSA
TEXTOS E ENTREVISTAS

RBA - Desenvolvimento

Luis Folha
GERENTE DE DESENVOLVIMENTO

Leonidas Amorim
SUPERVISOR DE DESENVOLVIMENTO

Oscar Alencar
SUPERVISOR DE DESENVOLVIMENTO

Espaço Cultural Casa das Onze Janelas

Simão Robison Oliveira Jatene
GOVERNO DO ESTADO DO PARÁ

Paulo Chaves
SECRETARIA DE ESTADO
DE CULTURA

Carmem Cal
SISTEMA INTEGRADO
DE MUSEUS E MEMÓRIAS

Marisa Mocarzel
ESPAÇO CULTURAL
CASA DAS ONZE JANELAS

Zenaide De Paiva
COORDENAÇÃO DE AÇÃO EDUCATIVA

Museu da Universidade Federal do Pará

Jussara da Silveira Derenji
DIRETORA

Nilma das Graças Brasil de Oliveira
COORDENADORA CULTURAL

Aurenice Pereira de Vicare
COORDENADORA ADMINISTRATIVA

Raquel Chagas
COORDENADORA
DE ACERVO E DOCUMENTAÇÃO

Manoel Lima Pacheco
TÉCNICO DE MONTAGEM

Paulo Souza
COORDENADOR
AÇÃO SÓCIO-EDUCATIVA

Tablóide

Ana Clara Nassar Matos
TEXTOS

Irene Almeida & Andrea Kellermann
EDIÇÃO

Andrea Kellermann
DESIGN

Série S/T. Roberta Dabdab, (SP)
IMAGEM DA CAPA

Sumário

Tempo implacável, memória viva	3
Pará e São Paulo vencem Prêmio Diário	5
Sombras de uma cidade onírica	14
Projeto também investe em formação	15
“Retratos Híbridos” abre ciclo de oficinas	16
Intercâmbio entre talentos do Brasil	17
Caminhos para pensar a imagem	18
A fotografia em seus vários questionamentos	19

Oficinas

Retratos Híbridos com Valério Silveira

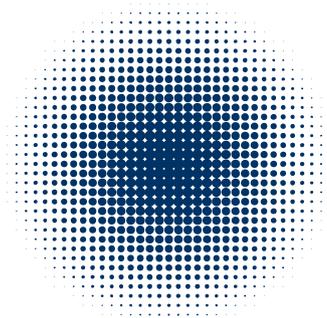
Período: 19 a 23 de março

Mini-curso Uma introdução à história do livro fotográfico com Joaquim Marçal

Período: 02 a 06 de abril

Oficina Ensaio – Resumindo uma Ideia com Octávio Cardoso

Período: 14 a 24 de maio



Palestras & Encontros

Sombras e Arte: Brasília “onírica” e “barroca” a fotografia de Marcel Gautherot com Heloisa Espada

28/02 às 19h – IAP

Trajatórias do Fotográfico com Miguel Chikaoka

Mediação: Mariano Klautau Filho e Joaquim Marçal (RJ)

05/04 às 19h – IAP

Imagem, Realidade e Fabulação a reinvenção da memória na vila de lapinha da serra com Alexandre Sequeira

17/05 às 19h – IAP

Memórias da imagem

A fotografia é reconhecida em sua tradição como relação imediata com a memória pelo caráter de registro de fatos que ocorrem em um tempo e lugar específicos na história, portanto uma representação direta com fatos do passado. Esse aspecto já revela a importância que a imagem fotográfica assumiu na construção da vida em sociedade. Rever a imagem do passado no presente nos coloca diante de uma situação importante: repensar o acontecido e interpretar criticamente o passado. Reconstruir os valores sociais e reconhecer a história do outro nos torna mais próximos das diferenças culturais que constituem a vida do homem contemporâneo. Ao nos colocar em diálogo permanente com a memória de um passado, a fotografia nos permite um rico conhecimento sobre a história. Com o tema Memórias da imagem o III Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia propõe abranger não só a tradição histórica do passado refletido na imagem, mas principalmente avançar numa concepção em que a imagem fotográfica seja uma experiência atemporal; que também contenha em si mesma uma espécie de memória particular atravessada pelo passado, presente e futuro. Quem vê ou produz a imagem está envolvido em uma experiência do presente. Sendo assim, podemos reescrever com a fotografia tanto uma história social observada nos modos de representação coletiva quanto uma vivência pessoal movida pelas imagens. A 3ª edição convida o artista a pensar quais os modos de memória reinventados pela fotografia e como esses elementos podem se constituir como pensamento artístico.

Mariano Klautau Filho

Curador do Projeto Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia



Pretéritos imperfeitos – Gordana Manic, SP.



Tempo implacável, memória viva

PRÊMIO DIÁRIO CONTEMPLA OBRAS QUE SUBVERTEM IDEIA TRADICIONAL DE PASSADO, PRESENTE E FUTURO

Uma e outra erupção. Ilana Lichtenstein, SP · Artista Premiada – Prêmio Diário Contemporâneo

Imagens que versam sobre as possibilidades do tempo: passado, real, fictício, lembrança. Em sua terceira edição, o Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia reuniu obras de artistas brasileiros em torno do tema Memória da Imagem. Além de premiar três destaques com o valor de R\$10.000 cada, 23 obras vindas de várias regiões do país foram selecionadas na mostra deste ano.

“Mantivemos a média de inscritos de todas as regiões do país, com preponderância de trabalhos do nordeste, sudeste e sul, mas recebemos também trabalhos do centro-oeste e

norte. Além disso, há a participação sempre grande da produção paraense. Este aspecto quantitativo é interessante para o crescimento do projeto”, diz Mariano Klautau Filho, curador do prêmio.

Entre os projetos vencedores, o passado e a ausência permeiam o trabalho do Coletivo Garapa, ganhador do Prêmio Memórias da Imagem. “Morar” cria um arco de memória entre a existência e a desaparecimento dos edifícios São Vito e Mercúrio, emblemáticas construções demolidas recentemente na cidade de São Paulo. Trata-se de um ensaio visual sobre os prédios que são objeto de pesquisa do

grupo desde de 2008. Depois de três anos de desocupação dos edifícios, os dois gigantes foram finalmente colocados abaixo. “Acreditamos que o desaparecimento do prédio seja a memória viva da cidade que

“A seleção final privilegiou, a forma como o tema foi abordado pelos artistas.”

Mariano Klautau Filho, curador

se transforma e passa por cima de histórias privadas em nome da transformação e do progresso. O tempo da metrópole é implacável; resta a memória”, defendem Paulo Fehlauer, Leo Caobelli e Rodrigo Marcondes, trio que compõe o Garapa, um espaço de criação coletiva dedicado a produzir narrativas visuais.

Também de São Paulo, Ilana Lichtenstein recebeu o Prêmio Diário Contemporâneo. Formada pela USP, a artista desenvolveu na Sorbonne, em Paris, uma investigação sobre imagem e memória, e expôs em cidades pela Europa. Destaque da mostra com a

série “Uma e outra erupção”, Ilana propõe um convite ao que chama de “paisagens interiores”. “Através da sugestão de um tempo suspenso, de paisagens e pessoas que não se definem bem e parecem vindas da ficção ou sonho, poder puxar em quem vê outras memórias da mesma densidade de semelhança, que sejam suas, próprias”, diz.

Dispostas em variação de dípticos, trípticos e sozinhas, a diferentes alturas na parede, as pequenas imagens produzem a ideia de um percurso íntimo. “Quando realizei essa série, tinha em mente as pessoas que não conhecia e iam



Morar. Coletivo Garapa, SP · Artista Premiado - Prêmio Memórias da Imagem

vê-las: de uma maneira, gerei esse passado coletivo simultaneamente a estar vivendo o tal presente que tanto se diz abrigado no fotograma.

O paraense Lucas Gouvêa foi destaque no Prêmio Diário do Pará. Formado em design pelo CEFET e estudante de Artes Visuais na UFPA, o jovem artista apresentou o vídeo-fotografia "Spinário", que parte da escultura helenística do século I A.C. Adaptando uma câmera Canon T2l para um formato de pinhole digital, o personagem do vídeo tira um por um dos espinhos de seus pés e fura a película de metal. "No vídeo, um menino remove espinhos do seu pé, para a construção de um processo audiovisual de depuração da imagem da luz. Ao furar a película que separa o captador fotográfico da câmera da imagem captada, são criados os mil olhos do deus egípcio Osíris que ofusca o olhar de quem o vê com os seus raios solares", diz Lucas.

Para Mariano Klautau, o nível das obras enviadas este ano foi muito bom. "A comissão fechou inicialmente uma pré-seleção que ultrapassava os 40 trabalhos. A seleção final

privilegiou, além da qualidade, a forma como o tema foi abordado pelos artistas. O trabalho da seleção foi ver como os artistas conversam entre si numa abordagem mais ampla

sobre o tema e também eliminar o conservadorismo quanto à relação entre imagem e memória – o que era proposto pelo tema deste ano".

A comissão julgadora foi

composta por Miguel Chikaoka, fotógrafo, arte-educador e artista convidado do projeto este ano; Jorge Eiró, artista plástico e professor de artes, mestre em Educação; e Heloisa Espada, doutora em História, Teoria e Crítica da Arte, pesquisadora da USP e coordenadora da área de artes visuais do Instituto Moreira Salles.

O Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia conta com o patrocínio da Vale e do Governo do Estado do Pará e apoio do Espaço Cultural Casa das Onze Janelas do Sistema Integrado de Museus/Secult-PA, do Museu da UFPA, da Sol Informática e do Instituto de Artes do Pará.

PREMIADOS

Coletivo Garapa (SP) – Prêmio Memórias da Imagem

Ilana Goldbaum Lichtenstein (SP) – Prêmio Diário Contemporâneo

Lucas Gouvêa Mariano de Souza (PA) – Prêmio Diário do Pará



Spinário - Lucas Gouvêa, PA · Artista Premiado - Prêmio Diário Contemporâneo

Pará e São Paulo vencem Prêmio Diário

ALÉM DOS PREMIADOS, OUTROS 20 ARTISTAS INTEGRAM MOSTRA “MEMÓRIAS DA IMAGEM”, QUE SERÁ ABERTA NO DIA 28

Durante um mês, entre janeiro e fevereiro, foram recebidos dossiês e portfólios de artistas de todas

do centro-oeste e norte. Além disso, há a participação sempre grande da produção paraense. Este aspecto quanti-

dessas diferentes gerações vem crescendo, o que dá credibilidade e frescor ao Prêmio.”

Sintonia

A comissão julgadora, que se reuniu no início desta semana

diante de um “conjunto de trabalhos excepcional”. Segundo ele, reunindo obras locais e nacionais, o Prêmio “cria um atri-



Mikvot. Marian Starosta, RJ.



Hotel. Erico Toscano, SP.

as regiões do Brasil para o III Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia, com o tema Memórias da Imagem. Na noite da última quarta, depois de três dias de trabalho da comissão julgadora, foram selecionados os 23 participantes da mostra de 2012.

O curador Mariano Klautau Filho destaca o interesse nacional pelo Prêmio: “Mantivemos a média de inscritos de todas as regiões do país, com preponderância de trabalhos do nordeste, sudeste e sul, porém recebemos também trabalhos

tativo é interessante para o crescimento do projeto.”

Segundo ele, há um crescimento da procura por parte de novos artistas e também de artistas que vêm ganhando visibilidade nacional e no exterior, que têm buscado o Prêmio para mostrar seus trabalhos. “O Prêmio está participando do processo de visibilidade do artista nacional contemporâneo e jovens artistas têm se revelado pelo projeto”. Tem aumentado, ainda, a procura de artistas que já têm uma trajetória consistente. “A procura

Qualidade

“A comissão fechou inicialmente uma pré-seleção que ultrapassava os 40 trabalhos. A seleção final privilegiou, além da qualidade, a forma como o tema foi abordado pelos artistas. O trabalho da seleção foi ver como os artistas conversam entre si numa abordagem mais ampla sobre o tema e também eliminar o conservadorismo quanto à relação entre imagem e memória – o que era proposto pelo tema deste ano”.

no Museu Histórico do Estado do Pará - MHEP para avaliar os trabalhos inscritos, foi composta por Miguel Chikaoka, fotógrafo, arte-educador e artista convidado do projeto este ano; Jorge Eiró, artista plástico e professor de artes, mestre em Educação; e Heloisa Espada, doutora em História, Teoria e Crítica da Arte, pesquisadora da USP e coordenadora da área de artes visuais do Instituto Moreira Salles.

De acordo com Jorge Eiró, o processo de seleção foi árduo, porém “gratificante e instigante”,

to, uma discussão pertinente no âmbito da produção fotográfica contemporânea”. Sobre a comissão, ele pontua que é natural que cada uma estabeleça um critério, mas destaca que neste grupo houve uma grande sintonia e que ficou satisfeito com o resultado atingido a partir de uma perspectiva que privilegiou as obras que “escapassem de um olhar óbvio sobre a relação entre imagem e memória, algo pertinente no mundo contemporâneo, lotado de imagens”. O olhar da comissão priorizou noções “apagadas” de memória,

algo para Eiró “mais instigante que a memória documental”. E conclui: “Será mais uma bela edição do Prêmio, que já se consolidou”.

Os vencedores dos três prêmios de R\$10.000,00, cada, foram o Coletivo Garapa (SP), com o Prêmio Memórias da

Imagem, Ilana Goldbaum Lichtenstein (SP), com o Prêmio Diário Contemporâneo, e Lucas Gouvêa Mariano de Souza (PA), Prêmio Diário do Pará.

Mariano Klautau Filho comenta os perfis dos ganhadores: “O Coletivo Garapa já está no circuito brasileiro, faz parte da

geração que já está circulando; a Ilana Lichtenstein é uma jovem artista, conheci seu trabalho no evento Paraty em Foco e a obra dela foi muito bem recebida pela comissão; já o Lucas Gouvêa foi uma ótima surpresa em âmbito local, com um trabalho muito poético e preciso.”

Entre os demais selecionados, ele destaca, por exemplo, a obra Chipendale, do coletivo paraense Cêsbixo, formado por jovens artistas, que apresentou um trabalho que reúne fotografia e arte contemporânea, flertando com as linguagens do vídeo e do cinema, com um

resultado de alta qualidade. A Mostra III Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia acontecerá de 28 de março a 27 de maio no Espaço Cultural Casa das Onze Janelas. Confira a seguir a lista completa de artistas selecionados.

Seleccionados

Alberto Bitar (PA)
Ana Emília Jung (Milla Jung) (PR)
Coletivo Cêsbixo (PA)
Érico Toscano Cavallette (SP)
Fábio Messias Martins de Souza (SP)
Fabio Okamoto (SP)
Fernando Bohrer Schmitt (SP)

Gabriela Lissa Sakajiri (SP)
Gordana Manic (SP)
Isabel Maria Sobreira de Santana Terron (SP)
Lívia Afonso de Aquino (SP)
Marian Wolff Starosta (RJ)
Patrícia Gouvêa e Isabel Löfgren (RJ)
Pedro Augusto Machado Hurpia (SP)

Renato Chalu Pacheco Huhn (PA)
Roberta Dabdab (SP)
Romy Pocztaruk (RS)
Tuca Vieira (SP)
Vanja von Sek (PA)
Wagner Yoshihiko Okasaki (PA)



Chipendale. Coletivo Cêsbixo, PA.



Como falam as fotografias. Lívia de Aquino, SP.



Pais imaginário, Milla Jung, PR.



Harbour View. Pedro Hurpia, SP.



Lost Utopia. Romy Pocztaruk, RS.



Palimpsestos Urbanos. Fabio Okamoto, SP.



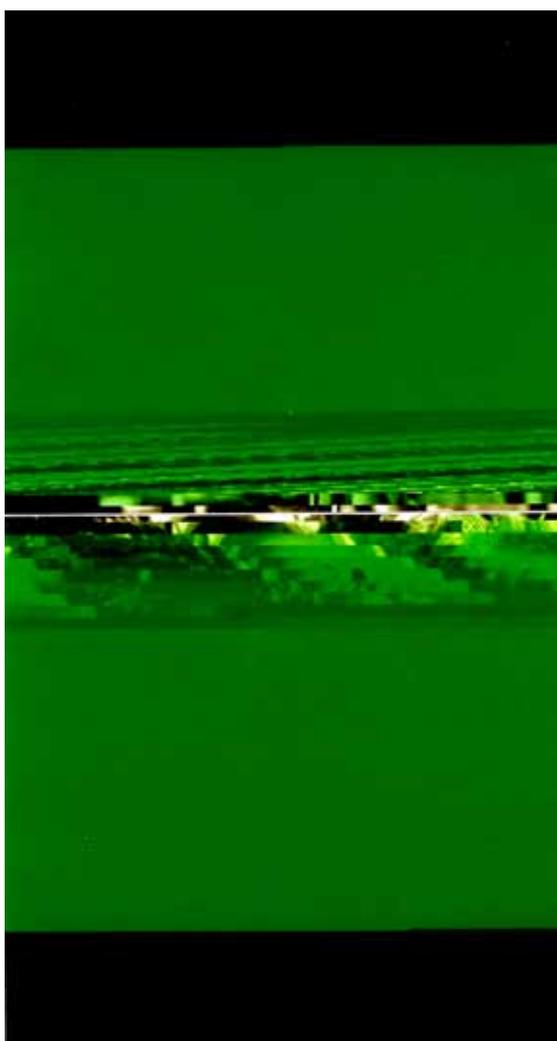
Série Em Pequenas Partes. Vanja von Sek, PA.



O que as paredes contam. Gabriela Lissa Sakajiri, SP.



Cracolândia. Tuca Vieira, SP.



Memória corrompida. Renato Chalu, (PA).



Pretéritos imperfeitos. Gordana Manic, SP.



Sobre vaga-lume e Alvenarias. Fernando Schmitt, SP.



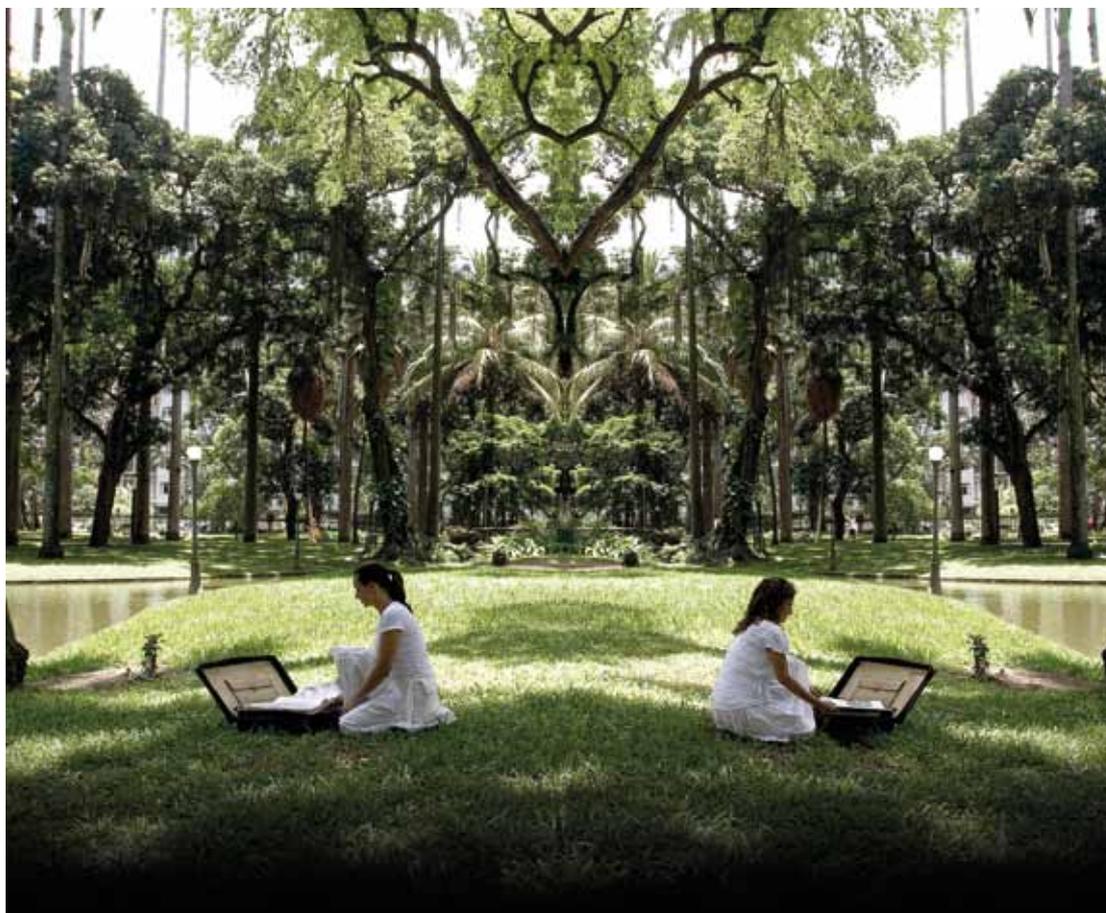
Horizonte Artificial e um certo azul profundo. Alberto Bitar, PA.



O apanhador de Memórias. Wagner Okasaki, PA.



Essa luz sobre o jardim. Fábio Messias, SP.



Banco de Tempo. Isabel Löfgren e Patrícia Gouvêa, RJ.

Sombras de uma cidade onírica

PESQUISADORA HELOISA ESPADA APRESENTA A BRASÍLIA QUASE IRREAL DO FOTÓGRAFO MARCEL GAUTHEROT

Uma cidade como obra de arte, num registro ambíguo. O fotógrafo francês Marcel Gautherot desenvolveu uma série de imagens sobre Brasília entre o fim dos anos 1950 e o início dos 1960 – da construção aos primeiros anos da Capital Federal – quase sempre comissionado pelo arquiteto Oscar Niemeyer. As fotografias foram utilizadas como divulgação de um Brasil em franco desenvolvimento, mas para além do caráter propagandístico pelo qual ficaram conhecidas, guardam características artísticas peculiares. Esta série de imagens é o tema da tese de doutorado em História, Teoria e Crítica da Arte desenvolvida por Heloisa Espada e também será o foco da palestra que a pesquisadora ministrará na próxima terça, dia 28, no Instituto de Artes do Pará, na programação do III Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia.

Na entrevista a seguir, Heloisa Espada – que integra o Centro de Pesquisa em Arte & Fotografia da Escola de Comunicações e Artes da USP, coordena a área de artes visuais do Instituto Moreira Salles e participa da comissão de seleção do Prêmio em 2012 – comenta aspectos de seu trabalho acadêmico e fala de temas que serão tratados na palestra “Sombras e Arte: Brasília ‘onírica’ e ‘barroca’ - a fotografia de Marcel Gautherot”.

Como você vê a pesquisa sobre fotografia atualmente no Brasil?

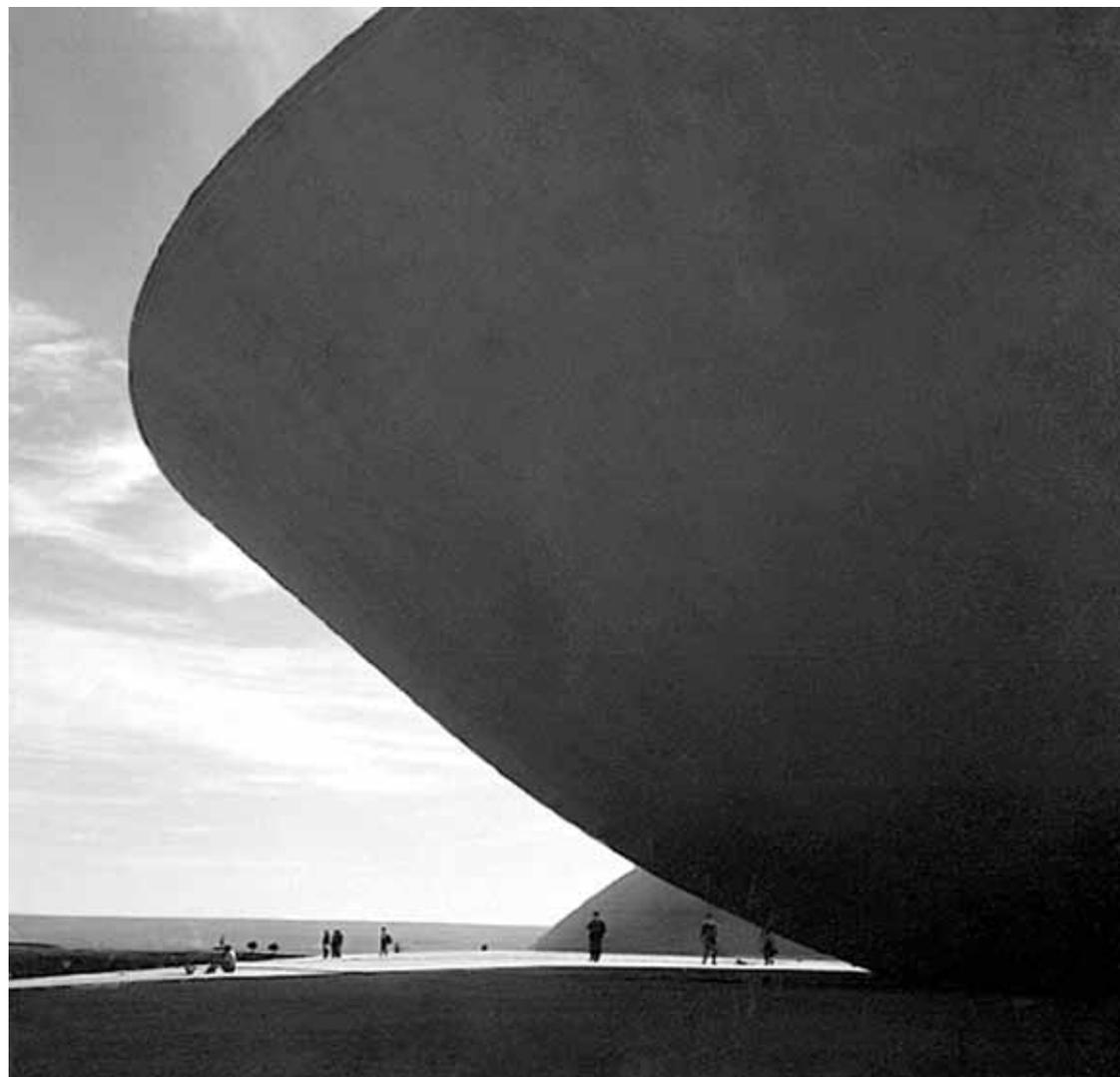
Conheço pesquisas muito importantes sendo realizadas nas universidades. De modo geral, o campo de investigação é imenso e ainda há muito o que ser feito. As dificuldades são aquelas enfrentadas por pesquisadores de outras áreas das ciências humanas no Brasil: apoio institucional insuficiente e pouco respaldo social. Mas, felizmente, o campo de pesquisa é muito fértil e, a cada geração, a qualidade dos resultados tende a melhorar.

Como você chegou à escolha da série de Marcel Gautherot sobre Brasília para seu objeto de pesquisa?

Desde o mestrado, venho me dedicando ao estudo da arte realizada no Brasil nos anos 1950 e 1960. Interesse-me, sobretudo, por esse momento de transição entre as duas décadas, quando a arquitetura e a

A fotografia tornou-se ferramenta para a construção da memória individual ou social. Isso não significa que seja apenas documento. Ela pode ser documento e também invenção.

arte moderna vivem seu ápice com a construção de Brasília e o surgimento do neoconcretismo, o que é imediatamente seguido por um momento de crise dos ideais modernos, quando a ideia de autonomia



Marcel Gautherot. Palácio do Congresso Nacional, c. 1960. Acervo Instituto Moreira Salles

do objeto artístico passa a ser questionada. É um momento de incerteza e transição. Por outro lado, interessava-me também estudar o lugar da arquitetura moderna na história da arte no Brasil, bem como a imagem do país jovem e moderno criada com a construção de Brasília. A análise das fotografias de Gautherot foi como uma porta de entrada para cada um desses assuntos.

Em seu trabalho, você afirma que Gautherot deu um sentido atemporal à imagem de Brasília. Que Brasília ele apresenta?

A Brasília sonhada por muitos intelectuais brasileiros no fim dos anos 1950, intelectuais da maior seriedade, como Lucio Costa e Mário Pedrosa que, embora tivessem divergências políticas com Juscelino Kubitschek, acreditavam na

importância simbólica da construção de Brasília num país tão dicotômico e cheio de deficiências como o Brasil. Para compreender esse simbolismo, é fundamental considerar que Brasília segue os pressupostos estéticos da arquitetura moderna.

Qual a representatividade das imagens do fotógrafo, tão recorrentes em publicações sobre a cidade, para a construção da memória sobre a Capital Federal? A seu ver, como a fotografia pode construir, formular uma noção de memória?

Gautherot foi muito próximo de Niemeyer. Suas fotos foram extremamente importantes na divulgação nacional e internacional da cidade, no momento em que era preciso provar que Brasília era um projeto plausível. Suas fotos foram amplamente divulgadas em revistas e

exposições realizadas no Brasil, Europa e América do Norte. Elas são muito persuasivas e ajudaram a identificar a arquitetura da cidade com a qualidade técnica e estética que se pretendia. Brasília representava a ideia de que o país não era mais um mero exportador de matéria-prima, mas também um produtor de conhecimento, arte e técnica. As fotografias de Gautherot, de modo geral, mostram as obras da cidade como obras de arte.

A segunda parte da pergunta é bastante complexa e abrangente. Desde sua invenção, a fotografia tornou-se uma ferramenta para a construção da memória individual ou social. Isso não significa que a fotografia seja apenas documento. Ela pode ser documento e também invenção.

Na sua palestra, serão abordadas as sombras características das imagens de Gautherot sobre Brasília – aspecto formal comparado às obras do pintor italiano De Chirico. O que expressam estas sombras?

Sombras são sempre elementos negativos, são obscuras e criam zonas de indeterminação. Acredito que as sombras trazem uma certa ambiguidade para as fotos de Gautherot, permitindo que algumas delas sejam vistas para além do viés propagandístico pelo qual são conhecidas. É importante considerar também que muitas dessas fotos não foram publicadas no contexto das revistas e exposições de arquitetura, vindo a público apenas recentemente, em exposições específicas sobre a obra de Gautherot. Algumas dessas fotos não são apenas “fotografias de arquitetura” – os autorretratos, por exemplo –, elas demonstram que o interesse do fotógrafo pela cidade ia além da produção de um trabalho

comissionado bem feito.

Você realiza uma leitura intertextual da série de Gautherot com escritos de intelectuais, críticos e literatos. Que conceitos costuram esta relação? Por que Brasília “onírica” e “barroca”?

O escritor italiano Alberto Moravia e o embaixador Wladimir Murtinho, por exemplo, descrevem Brasília como “surreal”, “metafísica” e “barroca”. Eles usam esses adjetivos de maneira bastante livre e sem rigor conceitual, mas, de modo geral, se referem ao aspecto artificial e monumental de Brasília, como um espaço opressor e autoritário. Ambos comparam Brasília com as paisagens de Giorgio de Chirico. Para Moravia, a estética moderna de Brasília seria apenas uma atualização do poder do Estado manifestado por meio de uma arte suntuosa e monumental, típica do barroco.

Clarice Lispector, por sua vez, descreve Brasília como o cenário de um sonho, uma

paisagem artificial. O relato da escritora é bastante ambíguo. Ela sugere críticas para, em seguida, demonstrar espanto e admiração pela cidade. Acho que essa postura ambígua é muito verdadeira no caso de Brasília, sobretudo nos primeiros anos da cidade. A avaliação de Brasília é um assunto complexo e cheio de nuances. As posturas totalmente “a favor” ou “contra” são quase sempre insuficientes e simplificadoras. Acho que a ambiguidade, nesse caso, é mais rica e esclarecedora.

Algumas fotos de Gautherot também denotam essa artificialidade e a impressão de que a paisagem de Brasília é irreal. Acho possível estabelecer conexões entre o discurso ambíguo de suas fotos e o ponto de vista de Clarice Lispector, por exemplo.



Heloisa Espada abre o ciclo de palestras do Prêmio Diário (divulgação)

Projeto também investe em formação

PROGRAMAÇÃO INTENSA, QUE SE ESTENDE ATÉ MAIO, INCLUI PALESTRAS, OFICINAS E ENCONTROS COM ARTISTAS

O III Prêmio Diário Contemporâneo traz também uma extensa programação paralela às mostras, como palestras, oficinas e visitas monitoradas com alunos de escolas públicas de Belém. Como parte do projeto, são oferecidas três oficinas: “Retratos híbridos”, ministrada em março por Valério Silveira, arte-educador, fotógrafo e mestrando em Educação no ICED/UFPA; “Mini-curso teórico de fotografia · Uma introdução à história do livro fotográfico”, ministrada por Joaquim

Marçal, pesquisador da Divisão de Iconografia/Fundação Biblioteca Nacional e Professor adjunto de fotografia da PUC-Rio; e “Resumindo uma ideia”, com Octávio Cardoso, fotógrafo desde 1984, participa de projetos e ações na “Associação Fotoativa”. Tem atuado em fotojornalismo, fotografia de estúdio e desenvolve projetos de documentação, arquitetura e publicidade.

As palestras, de caráter reflexivo e de elucidação das acepções contemporâneas sobre a linguagem fotográfica, serão

proferidas pela Doutora em História da Arte pela ECA/USP Heloisa Espada – que integra o Centro de Pesquisa em Arte & Fotografia da Escola de Comunicações e Artes da USP e coordena a área de artes visuais do Instituto Moreira Salles; pelo fotógrafo, educador e criador da “Associação Fotoativa”; e Alexandre Sequeira, artista plástico, fotógrafo e Mestre em Arte e Tecnologia pela UFMG com especialização em Semiótica e Artes Visuais pela UFPA e professor do Instituto de Ciência da Arte da UFPA.

Aguarde a divulgação do número de vagas, horários e locais de realização de cada atividade. Vale lembrar que toda a programação é gratuita.

AGENDE-SE:

Oficina Retratos Híbridos
de 19 a 23 de março, das 15h às 18h · Instrutor: Valério Silveira · Local: IAP (Encerrada)

Mini-curso teórico de fotografia

De 02 a 06 de abril · Instrutor: Joaquim Marçal (RJ) · Local: IAP

Encontro com Miguel Chikaoka - Trajetórias do

Fotográfico

Dia 05 de abril, às 19h
Mediação: Mariano Klautau Filho e Joaquim Marçal (RJ)
Local: Museu da UFPA

Oficina Ensaio – Resumindo uma ideia

Dias 14 a 23 de maio · Instrutor: Octávio Cardoso
Local: IAP

Palestra com Alexandre Sequeira · Imagem, realidade e fabulação - a reinvenção da memória na vila de Lapinha da Serra

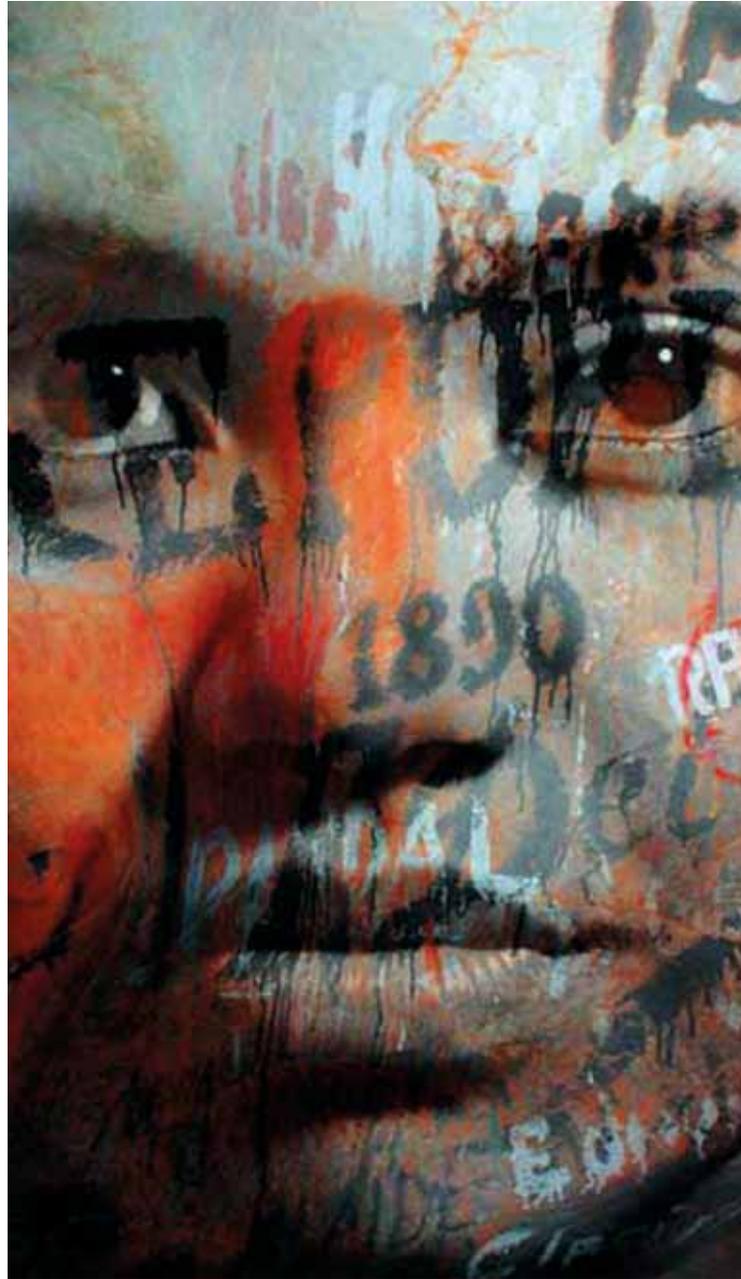
Dia 17 de maio, às 19h
Local: IAP

“Retratos Híbridos” abre ciclo de oficinas

ATIVIDADE MINISTRADA POR VALÉRIO SILVEIRA INSCREVE GRATUITAMENTE ATÉ O DIA 14 DESTE MÊS

Em continuidade à série de atividades que estimulam a formação e a reflexão no âmbito da imagem, o III Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia abre a programação de oficinas com Retratos Híbridos, de Valério Silveira. As inscrições já estão abertas, são gratuitas e seguem até o dia 14 de março. A oficina acontecerá entre os dias 19 e 23 de março, sempre das 15h às 18h, no Instituto de Artes do Pará. Retratos Híbridos é uma série de fotomontagens que os participantes aprenderão a desenvolver com processos de dupla exposição feitos a partir da câmera fotográfica ou com pós-produção em programas gráficos. O resultado é o fruto da combinação de duas ou três imagens, partindo de um retrato que será unido a outras imagens significativas para os alunos.

Arte-educador, fotógrafo, com mestrado em Educação no ICED/UFGA, Valério Silveira é professor da rede pública e particular de ensino e pesquisa a fotografia de infância em Belém na primeira metade do século XX. Segundo ele, a série Retratos Híbridos surgiu da



Retratos Híbridos · Valério Silveira

ideia de “juntar retratos com imagens, desenhos, texturas ou padrões variados”.

Ele explica qual será a metodologia da oficina para chegar às fotomontagens propostas pela atividade: “Inicialmente uma discussão sobre a importância e a precisão do retrato – sem respostas prontas.

Depois algumas colocações sobre hibrididade e um leve caminho sobre o meu percurso de construção.

Os alunos serão divididos em duplas, conversarão sobre si mesmos até decifrar o mistério de como se dará a imagem híbrida de seu colega e partirão para a prática do retrato primeiramente.

Depois deverão produzir algumas imagens que possam hibridizar com o retrato”. Após estas etapas, será realizada a prática de edição com fotomontagens e tratamentos em computador. Sobre o público-alvo, Valério Silveira afirma que podem participar da oficina de adolescentes a idosos e que não é necessário ter habilidades com câmeras ou softwares de edição de imagem. O único pré-requisito é que o aluno possua notebook, pois

o equipamento será utilizado na etapa final da atividade. A câmera fotográfica é opcional.

“...uma discussão sobre a importância e a precisão do retrato – sem respostas prontas.”

Os interessados devem procurar o escritório do Prêmio (Rua Gaspar Viana, 773).

Também é possível baixar o formulário de inscrição no site www.diariocontemporaneo.com.br, onde está disponível a programação completa de palestras e oficinas do projeto.



Intercâmbio entre talentos do Brasil

PRÊMIO DE FOTOGRAFIA CHEGA À 3ª EDIÇÃO E SE CONSOLIDA COMO ESPAÇO FUNDAMENTAL DE TROCA

Um espaço para o intercâmbio de trabalhos de todo o Brasil. O Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia tem reunido obras de artistas que atualmente despontam no cenário nacional e possibilitado a troca de ideias entre fotógrafos das diferentes regiões do país.

Esta troca é ressaltada pelo paulista Kenji Arimura, selecionado na primeira edição com a série *Índios Contemporâneos*, que conta que há tempos admirava os trabalhos de Luiz Braga e Guy Veloso, mas realmente não tinha muito conhecimento da fotografia do Pará antes do Prêmio Diário de 2010. Além do intercâmbio entre regiões de norte a sul do país, também houve uma troca de linguagem e produção artística dos participantes do Prêmio muito enriquecida, que representou de forma interessante a ideia de diversidade sugerida pelo tema Brasil Brasis, proposto naquele ano.

Segundo Kenji, o Prêmio Diário foi o seu primeiro reconhecimento nacional. No ano passado, sua série *Índios Contemporâneos* ganhou, ainda, o terceiro lugar no Prêmio Conrado Wessel de Arte e recebeu menção honrosa no IPA - Lucie Awards, primeiro prêmio internacional do artista. O mineiro Pedro David foi outro fotógrafo que já passou pelo Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia que em 2011 teve destaque com sua obra. A série *Aluga-se*, selecionada no ano passado, foi exposta no Museu da Imagem e do Som, em São Paulo, e, pelos planos de Pedro, deve se transformar em livro em breve. O artista também foi o ganhador

do Prêmio Pierre Verger, com outro projeto, *O Jardim*. Sobre o Prêmio Diário, ele destaca a possibilidade de fazer os trabalhos girarem e o estímulo proporcionado por projetos do gênero: *São iniciativas como esta que fazem com que os trabalhos circulem e que os artistas possam dedicar-se mais ao seu trabalho. Precisamos sempre de mais iniciativas assim, e com aportes financeiros maiores e principalmente com maior descentralização: prêmios mais distribuídos e sem distinção entre eles.*

Incentivo

O Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia segue este tipo de estrutura – desde a primeira edição, são oferecidos prêmios de valores iguais em três diferentes categorias, o que se mantém em 2012.

Leonardo Sette, de Pernambuco, foi um dos vencedores do ano passado, com o Prêmio Diário Contemporâneo, que contemplou sua série *As Luzes Inimigas*. Ele, que esteve em Belém para a mostra, frisa a recepção que seu trabalho teve no processo até a montagem: *A primeira impressão sobre o Prêmio veio antes mesmo de chegar em Belém, pela delicadeza e cuidado dos organizadores no diálogo e na preparação da exposição. E também ressalta o intercâmbio com outros artistas: foi um grande prazer conhecer pessoalmente fotógrafos como Alexandre Sequeira, Guy Veloso, Miguel Chikaoka, Roberta Carvalho e todo o pessoal da [Associação] Fotoativa. Foi*



Leonardo Sette · Luzes Inimigas – Oriente, trem Genebra-Paris, 2007, Um casal em viagem. (Prêmio Diário Contemporâneo 2011)

também excelente encontrar com fotógrafos de outros estados, também contemplados com o Prêmio, como Silas de Paula [CE], Francilins [MG] e outros.

Atualmente envolvido na divulgação do filme *As Hiper Mulheres* (que dirigiu com Carlos Fausto e Takmuã Kuikuro), premiado no Festival de Gramado e selecionado para o International Film Festival Rotterdam (em curso, na Holanda), Leonardo afirma que não interrompe a produção fotográfica. Entre os projetos para 2012, estão um longa-metragem de ficção e um livro com uma série mais ampla de fotografias, para uma primeira exposição individual.

A série *Índios Contemporâneos*, de Kenji Arimura, pode ser conferida no catálogo do Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia de 2010, disponível no site do projeto (www.diariocontemporaneo.com.br).

Já as obras de *Aluga-se*, de Pedro David, e *As Luzes Inimigas*, de Leonardo Sette, poderão ser vistas no catálogo da edição de 2011, com o tema *Crônicas Urbanas*, que será lançado na próxima quarta, no

Espaço Cultural Casa das Onze Janelas. A ocasião marcará também o lançamento oficial da terceira edição do Prêmio, que traz o tema *Memórias da Imagem* e já está com inscrições abertas.



Pedro David: Aluga-se (Selecionado II Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia · 2011)



Caminhos para pensar a imagem

PRÊMIO DIÁRIO ESTIMULA A REFLEXÃO E CRIAÇÃO ARTÍSTICA, ALÉM DE CONTRIBUIR PARA A FORMAÇÃO DE ACERVOS

Desde sua primeira edição, o Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia concilia três vias de atuação no âmbito das artes: o incentivo à produção artística, o estímulo à reflexão sobre a imagem e, um importante resultado de suas atividades, a contribuição para a formação de acervos.

Esta noite, estes três pontos serão contemplados em evento no Espaço Cultural Casa das Onze Janelas, com o lançamento oficial da terceira edição do projeto, o lançamento do catálogo de 2011 e a doação de uma obra da artista Roberta Carvalho, Prêmio Diário do Pará do ano passado, ao Museu da Universidade Federal do Pará. A diretora do MUFPA, Jussara

Derenji, explica que “a formação de acervos em instituições públicas obedece a regras burocráticas que originam longos e difíceis processos que, não raro, acabam impedindo as compras e até mesmo as doações. A maioria dos museus necessita recorrer, então, ao mecanismo incerto de editais lançados por empresas públicas ou privadas, para aumentar e atualizar seus acervos”. Por todos estes fatores, ela ressalta o valor da “iniciativa de empresas ou produtores de eventos que se disponham a contribuir, com doações de qualidade, à formação de acervos institucionais”.

A obra de Roberta Carvalho se une aos trabalhos premiados do fotógrafo Octávio Cardoso,

doados ao MUFPA na primeira edição do Prêmio. De acordo com Jussara Derenji, “as obras dos dois autores premiados, entregues à instituição parceira na exposição, contribuem para a atualização do acervo de fotografia do MUFPA com fotos cuja contemporaneidade foi atestada pela escolha de júris e curadores. No caso do trabalho de Roberta Carvalho, em especial e pelas características da proposta da artista, houve de imediato uma identificação com o MUFPA, em cujo entorno a obra foi exposta em perfeita integração”.

Na terceira edição do projeto, em mais um ano de parceria, o MUFPA receberá obras do artista homenageado, Miguel Chikaoka.



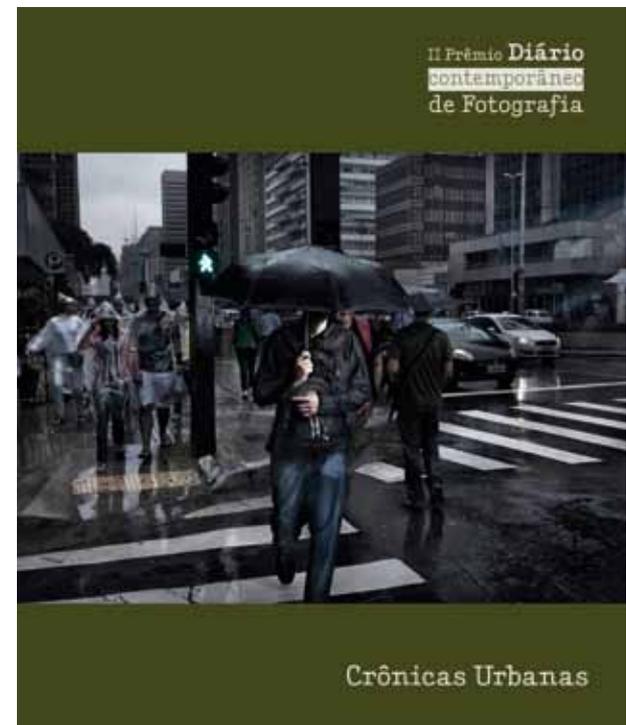
Marisa Mokarzel, foto Irene Almeida

A fotografia em seus vários questionamentos

A diretora do Espaço Cultural Casa das Onze Janelas, Marisa Mokarzel, frisa o valor que as contribuições para acervos têm para o público e para os museus: “A proposta de doar obras dos premiados e dos homenageados aos museus parceiros é como estabelecer um prêmio mais amplo, que envolve não somente os museus, mas também a população em geral, uma vez que a obra ao integrar um acervo público poderá ser disponibilizada como objeto de pesquisa, ser exibida inúmeras vezes e em tempos diferentes, de forma distinta, podendo propor os mais variados conceitos conforme as tessituras criadas com obras provenientes de outras coleções. Agrega-se o valor da difusão da arte contemporânea ao de identidade do museu, pois o acervo determina o seu perfil, a sua tipologia.” Ela destaca que “o Prêmio está constituindo-se na formulação de um pensamento que se volta para a fotografia em seus diferentes desdobramentos e questionamentos. E em um mundo entranhado, lotado de imagens, torna-se importante reavivar a memória, pensar a cidade, o mundo tenso e conflituoso que delinea o nosso cotidiano”. Segundo Marisa Mokarzel, “ao respeitar a tradição

fotográfica de um lugar específico, Belém, sem perder a dimensão macro”, o Prêmio “abre-se a outras culturas, a outras manifestações artísticas”, postura que se afina ao conceito da Casa das Onze Janelas, que abrigará a mostra principal do projeto este ano e que esta noite receberá a projeção da obra Symbiosis, de Roberta Carvalho. O evento terá início às 19h e a entrada é franca. O projeto é uma realização do jornal Diário do Pará e conta com o patrocínio da Vale e apoio do Espaço Cultural Casa das Onze Janelas do Sistema Integrado de Museus/Secult-PA, do Museu da UFPA, da Sol Informática e do Instituto de Artes do Pará.

Serviço: Hoje, às 19h, coquetel de lançamento do III Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia, com o tema “Memórias da Imagem”, e do catálogo da segunda edição, no Espaço Cultural Casa das Onze Janelas. Na programação, projeção da obra Symbiosis da artista Roberta Carvalho, vencedora do Prêmio Diário do Pará de 2011. Entrada franca. Patrocínio: Vale. Informações: (91) 3184-9327 / (91) 8128-7527.



Para ter de onde se ir. Miguel Chikaoka, PA · artista convidado

III Prêmio

Diário

contem

de Fotografia

porâneo

PATROCÍNIO



REALIZAÇÃO

COLABORAÇÃO

APOIO CULTURAL

